

À Descoberta da Arte Pública... em Almada

Monumento à Liberdade

Autor: Jorge Vieira, escultor

Inauguração: 25 de Abril de 1999

Material: aço corten

Vamos todos fechar os olhos por alguns instantes e concentrarmo-nos nos sons que ouvimos neste local. Conseguem identificar alguns? Quais?

Agora abrimos os olhos e observamos à nossa volta. Onde estamos? O que veem à vossa volta?

Este é o Parque Urbano Comandante Júlio Ferraz. Aqui ao lado é o Fórum Romeu Correia. É um espaço de passeio e lazer no centro da cidade, que todos os dias acolhe muita gente. Ora, a obra de arte que vamos ver é um marco, quase um ponto de encontro, deste parque. É uma obra de arte pública!

A Arte pode ser de todos?

O que é a Arte Pública?

Arte realizada fora dos espaços tradicionalmente dedicados a ela, os museus e galerias...

Muitas vezes, as pessoas passam por estas obras e nem reparam nelas, mas a arte está no espaço de todos e é para todos.

A Arte pública melhora a vida das pessoas e responsabiliza-nos por um bem coletivo.

Por isso é tão importante pararmos e olharmos para estas obras, porque:

- Fazem parte no nosso dia-a-dia, dos nossos percursos quotidianos;
- Promovem a observação, levantam questões;
- Levam ao diálogo entre as pessoas;
- Definem espaços, transformam-nos;
- Expressam diversos valores e culturas;
- Aproximam o público da obra: estão onde as pessoas estão e podem ser tocadas.

Vamos descobrir a obra?

Quem é que já tinha visto esta obra?

É um grupo escultórico (mais do que uma escultura independente) de grande escala – 8 metros de altura, que representa três mãos erguidas.

- Qual é o material de que é feita? São chapas de aço corten.

Foi inaugurada em 1999, na comemoração dos 25 anos do 25 de Abril.

O autor é o escultor Jorge Vieira, um importante modernista português que fez muitas obras com temas e materiais semelhantes por várias cidades do país.

O modernismo foi um conjunto de movimentos artísticos do início do século XX, cujas características comuns são o ultrapassar das regras que até à altura se impunham aos artistas - vanguarda.

Até ao século XIX foi o naturalismo que imperou na arte. Os pintores tinham que fazer representações realistas, isto é: fiéis à realidade, não fugir às formas e cores que os seus temas realmente tinham.

Mas no século XX as artes começam a ferver pela fuga às normas. Têm agora oportunidade e vontade de experimentar com diferentes formas e mesmo materiais, deixando de se preocupar tanto com o realismo para passar a procurar linguagens mais simbólicas, expressivas e abstratas, e podendo desenvolver maneiras próprias e individuais de criar.

-Como é que descreveriam esta obra?

-O movimento é ascendente ou descendente? Vertical ou horizontal?

-As mãos estão todas para o mesmo lado?

-Abertas ou fechadas?

-Naturalistas ou modernistas?

Um trio de braços irrompe da terra a partir de bases circulares em betão de composição triangular e termina em mãos firmes energeticamente abertas que estão orientadas em direções distintas.

A anatomia é simplificada, distinguindo-se nada mais que as linhas essenciais, mas muito expressivas ao transmitir o movimento dos braços e a posição das mãos. É esta uma das características do modernismo: abstratiza-se o motivo de origem, neste caso as mãos, para que se possam veicular significados de forma mais clara.

Significado.

Agora que já vimos a forma, o aspeto, atentemos ao possível significado ou mensagem.

-Já sabemos que foi inaugurada no 25 de Abril. Qual é que pode, então, ser a sua mensagem? Como é que se pode relacionar com o título?

Trata-se de uma escultura que, através de uma linguagem inovadora, pretende homenagear os homens e mulheres que impulsionaram a mudança de um regime opressor para um país livre e democrático.

Força da liberdade, da participação cívica, do antifascismo.

As mãos são as nossas ferramentas para agir no mundo, os nossos instrumentos para fazer coisas. Por isso, são excelentes símbolos da ação revolucionária de todos aqueles que participaram na luta pela liberdade. Daí a sua inauguração numa celebração do 25 de Abril, num aniversário onde por todo o país se inauguraram esculturas com temas semelhantes.

Aqui evoca-se a revolução dos cravos e os seus protagonistas, para não nos esquecermos da sua importância, para que fiquem na nossa memória – património, herança, preservação.

[Os alunos preenchem na Ficha de Exploração a parte referente ao Monumento à Liberdade]

1. Vamos descobrir o local?

- Como se chama este Parque? _____
- Que edifício importante de Almada está aqui ao lado? _____

2. Vamos descobrir a Escultura?

Título	
Autor	
Data	
Materiais	
Descrição	

- **Observa bem as 3 mãos. Quantas representam mãos esquerdas?**

Mestre Andarilho

Autor: Rogério Ribeiro

Inauguração: 1997

Material: Azulejo

Estamos aqui em frente ao Fórum Romeu Correia, localizado na Praça da Liberdade, em Almada.

- Quem foi Romeu Correia?

Foi dramaturgo, ficcionista, poeta, atleta, além de cidadão almadense. (1917 - 1996)

O Fórum acolhe a Biblioteca Municipal e o Auditório Fernão Lopes-Graça e é, por isso, importante centro cultural do concelho. O painel de azulejos para o qual vamos olhar está, assim, num local que não passa despercebido.

Foi inaugurado em 1997 e o seu autor é o artista plástico Rogério Ribeiro, figura muito revelante na cena artística e gestão cultural do concelho de Almada. Foi, por exemplo, o responsável pelo projeto Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, importante polo cultural.

- Quantas artes (pintura, escultura, arquitetura, etc) estão presentes?

Três (pelo menos) – pintura, cerâmica, arquitetura

O painel azulejar (painel de azulejos) tem 24x6m, integra-se plenamente na arquitetura do Fórum.

- Como é o processo de realização de uma obra assim?

O barro ou a argila é uma matéria-prima que vem da terra. Seca-se e é limpa e peneirada. Depois adiciona-se água e fica uma pasta, depois posta em moldes quadrangulares. Vai ao forno mais do que uma vez, porque é pintado e depois precisa de ser vidrado.

-Quais são as cores dominantes?

A paleta cromática (cores) é a tradicional portuguesa – azul e branco – mas pontuada por um conjunto de cores ocres e rosa no realce de certos elementos da composição, que assim se destacam do resto e lhe dão ritmo.

- Qual é o tema deste painel?

O painel tem como tema a obra literária *Peregrinação*, da autoria do explorador português Fernão Mendes Pinto, datada do séc. XVI.

-Quem foi Fernão Mendes Pinto?

O escritor do livro que inspira esta obra de arte é Fernão Mendes Pinto.

Nasceu em Montemor-o-Velho e morreu no Pragal em 1583, o que é uma pequena distância comparada com os oceanos que percorreu ao longo da vida.

Embarcou numa viagem de 21 anos para o Extremo Oriente em busca de novas oportunidades de negócio, ao lado de mercadores, soldados e missionários, na época em que as caravelas portuguesas abriam caminho na exploração de zonas do mundo (Expansão) onde nenhum ocidental até então tinha pisado.

Depois da viagem, volta a Portugal e vive os seus últimos anos no Pragal, onde escreve a *Peregrinação*, e onde atualmente tem uma estátua.

A *Peregrinação* tem 226 capítulos e conta a viagem, a experiência vivida por Pinto naquelas longínquas paragens dos confins da Ásia.

O que nenhum ocidental tinha até então observado é por ele relatado na primeira pessoa, espetador e personagem principal de uma realidade exótica.

- Conseguem identificar alguns destes motivos?

As vezes em que foi preso e tornado escravo; as vezes em que conseguiu ganhar grandes fortunas; as tempestades no mar e combates a que sobrevive, enfim, as aventuras e desventuras por que passou com os seus companheiros;

Mas também está repleta de informações importantes sobre a história, geografia, crenças e leis de outras civilizações; os costumes (dia-a-dia) e a língua das populações novas com que contactava; descrições de animais e paisagens exóticas.

É uma obra literária inovadora em muitos sentidos:

- É escrita num discurso direto dinâmico, próximo da oralidade, muitas vezes sendo expresso o estado de espírito do observador;

- Torna protagonistas os habitantes daqueles lugares e os seus costumes. Diferente das crónicas de reis e senhores focadas no relato das batalhas e no retrato dos governadores e heróis;

- Não reflete uma acentuada posição de superioridade relativamente a estes povos: apontam-se com espanto as suas diferenças, mas sempre com uma tolerância ingénua.

Por exemplo, enquanto n'Os Lusíadas Camões glorifica a ação dos portugueses, muitas vezes enquadrava em cenários mitológicos e divinizados; na *Peregrinação* não faltam

episódios de crueldade e duras críticas à atuação gananciosa dos portugueses, que pilham e roubam as populações nativas para enriquecer:

[um aluno lê em voz alta]

«Negareis que quem conquista não rouba? Quem força não mata? Quem senhoreia não escandaliza? Quem cobiça não furta? Quem oprime não tiraniza?»

O olhar eurocêntrico (do europeu) é transformado no contacto com o outro.

Mas podemos imaginar como foi, nesta altura, o contacto entre mentalidades tão diferentes e como este contacto contribuiu para o alargamento do conhecimento da cultura oriental. Houve, contudo, muita crueldade e violência. Muitas ações criticáveis de superioridade que não podemos ignorar.

Para Fernão Mendes Pinto, que é tolerante perante as diferenças, acaba por ser também uma peregrinação interior.

É popular a ideia de Fernão Mendes Pinto ter enchido a sua obra de mentiras e invenções. Foi desacreditado e rotulado de mentiroso, e surgiu até um célebre trocadilho com o seu nome.

Certamente se mistura a realidade com alguma ficção. Mas é de pensar: mesmo que nem sempre funcione como documento histórico, de como as coisas aconteceram exatamente; funciona como ficção, como romance, como história contada, o que não deixa de ser uma ótima forma de captar e entender uma época!

Leitura do painel.

A leitura deste painel faz-se da direita para a esquerda, acompanhando o movimento de quem entra no Fórum.

A composição (estrutura de uma obra de arte) é dividida em oito painéis (secções verticais), cada um deles repartido em diferentes cenas, como se fossem capítulos de um livro.

- O primeiro chama-se **Partida**.

- Que ideias, palavras ou conceitos nos surgem, ao olhar para estas cenas?

É o passo inicial de qualquer peregrinação. Encontramos atmosferas ambíguas, pouco definidas, cenas abstratas, não narrativas, próprias da sensação interior do “ir embora”, do sair de casa para partir em direção a um lugar novo, entre o que deixamos para trás e o que vamos descobrir.

- O segundo é o **Caminho**,

- É um caminho fácil?

Percebemos ser percorrido com sofrimento, entre trabalhos e perigos.

[um aluno lê em voz alta]

«Acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece ter tomado por particular tenção e empresa perseguir-me e maltratar-me.»

- A seguir, a **Desesperança**.

Aqui, sobressaem imagens de tortura, de corpos humanos reduzidos à condição de condenados.

[um aluno lê em voz alta]

«A sentença foi-nos comunicada na prisão, onde estávamos mais para morrer do que para sofrermos os terríveis e cruéis açoites que então nos deram»

- **Peregrinar** é o próximo.

Este painel fragmenta-se em seis cenas, alusivas a diversas desventuras.

-O que é que estas imagens podem ter em comum?

Parecem ter em comum relações hierárquicas, de submissão de uns homens a outros.

[um aluno lê em voz alta]

«Tornando-lhe a perguntar pelos moços cristãos, respondeu que no paiol da proa os achariam. Abrindo a escotilha para os chamarem acima, os viram todos em baixo jazer degolados uns sobre os outros»

- O quinto pano tem o título **Embaixadas**.

- O que são embaixadas?

- O ambiente parece alegre ou triste? Barulhento ou silencioso?

Missões diplomáticas, em que um conjunto de diplomatas é encarregue de representar um Estado soberano ou uma organização internacional junto a outro estado ou organização.

Observamos fases de uma cerimónia oficial, com animais exóticos, instrumentos musicais, panejamentos e oferendas.

[um aluno lê em voz alta]

«À frente desta guarda iam oitenta elefantes muito bem apresentados, com cadeiras e castelos guarnecidos de prata, e nos dentes panouras de guerra, e campainhas de bom tamanho aos pescoços, e adiante destes elefantes, ia muita gente a cavalo, com bons vestidos.»

«Chegando este príncipe ao embaixador, fazem-se todas as cerimónias de cumprimentos e cortesias que se costumam entre eles»

- O penúltimo é a **Festa**,

onde se descobrem bailarinos e mascarados sob uma chuva de flores, num universo fantástico e intrincado de bichos e homens.

[um aluno lê em voz alta]

«Chega-se ao cais com grande estrondo de trompetas, charamelas, atabales, pífaros, tambores e muitos outros instrumentos»

«Desembarcaram o rei numa rica cadeira de estado, a qual era levada por oito homens vestidos de telilha com doze porteiros empunhando maças de prata, e sessenta alabardeiros com panouras e alabardas tauxiadas de ouro, e oito homens a cavalo com bandeiras de damasco branco, e outros tantos com sombreiros de verde e carmezim»

- No **painel final**, já localizado no nártex de acesso ao Fórum

- Quem podem ser esses dois homens?

Podemos observar um **encontro** entre o pintor, Rogério Ribeiro, e Fernão Mendes Pinto. Este último narra as suas peregrinações enquanto o artista escuta, atento, de pincel na mão. Têm como **pano de fundo** uma grande variedade de pequenas cenas e figuras referentes a episódios e acontecimentos da *Peregrinação*.

- Do todo, evocam-se vários sentimentos, sensações e qualidades: Conseguem identificar algumas destas expressões?

Sonho e ilusão, força e fraqueza humanas, medos e coragens, submissão e revolta, desmotivação e esperança, vida e morte, solenidade e festa.

E também vários acontecimentos e elementos vividos e observados por Fernão Mendes Pinto: tormentas do mar, animais, máscaras, anjos, visões.

Todas estas emoções e temas estão presentes mesmo existindo um tema central que une tudo.

- Quando olham para este painel, os vossos olhos mexem-se devagar, calmamente, ou andam de um lado para o outro, sempre a descobrir coisas diferentes?

A **descoberta visual** da imagem é interessante e ritmada.

Ora, estes desenhos não são ilustrações do livro, nem uma narrativa como na banda desenhada, mas **interpretações** do artista da amálgama de contos e testemunhos que é a *Peregrinação*: é uma **homenagem** à obra e ao autor.

Por isso, **nem tudo é explicável**, nem todas as cenas e momentos são facilmente entendidos, mas esse é também o encanto das **obras de arte**: nunca as podemos conhecer por completo.

[Os alunos preenchem na Ficha de Exploração a parte referente ao Painel de Azulejos]

3. Vamos descobrir o Painel de Azulejos?

Título	
Autor	
Data	
Materiais	
Cores	
Descrição	

- **Observa bem o painel. Quais destes elementos identificas?**

tormentas do mar animais máscaras anjos visões flores

- **Que emoções reconheces nas cenas representadas?**

Sonho fraqueza coragem submissão revolta esperança

Outras: _____